



José Cardoso Pires, a primeira obra traduzida em língua inglesa

Com a presença de José Cardoso Pires

## «Balada da Praia dos Cães» lançado ontem em Londres

ANTÓNIO FIGUEIREDO  
Correspondente em Londres

A TRADUÇÃO INGLESA do romance *Balada da Praia dos Cães*, de José Cardoso Pires, distinguido com o Grande Prémio de Ficção da Associação Portuguesa de Escritores, foi ontem lançada em Londres numa reunião literária realizada no Instituto de Arte Contemporânea, na qual esteve presente o autor.

A reunião, a que assistiram dezenas de críticos literários, foi promovida pelos editores J. M. Dent and Sons, em colaboração com o professor Hélder Macedo, da cadeira de Camões do Kings College da Universidade de Londres, e a Fundação Gulbenkian. Cardoso Pires, que esteve em Londres no início da década de 70 como professor visitante, deixou um notável «cartão de visita» do seu talento e ideário político, com um notável ensaio sobre a censura prévia em Portugal, publicado na revista internacional *Index*, que se acabara de fundar em Londres.

A edição do romance de Cardoso Pires, que retém o subtítulo de *Dossier dum Crime*, integra-se numa nova iniciativa que visa pugnar pela projecção da literatura portuguesa no mundo da língua inglesa, a partir de Londres, um dos maiores centros editoriais do mundo. O problema está longe de ser apenas uma questão de valor artístico ou de ficção e prende-se com complexos factores económico-culturais. Segundo as estatísticas da UNESCO, ao contrário do que acontece nos países socialistas, onde as traduções de obras estrangeiras se integram sistematicamente na planificação da produção cultural, o movimento editorial no Ocidente está sujeito à manipulação comercial da oferta, ainda mais do que às probabilidades da procura. Em 1984, de um total de 51 555 livros editados em Londres e noutros centros editoriais britânicos, só 11 343 eram traduções. No sector da literatura de ficção, ou criação, de um total de 5537, só 202 eram traduções.

### Chauvinismo literário

Esta proporção será talvez o inverso do que acontece em Portugal, onde a falta de recursos e de mercados e a consequente escassez de textos originais produzem um paradoxal fenómeno de internacionalismo e relativo acesso à produção literária mundial. Mas a situação

na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos, apesar de essencialmente resultar da ascendência económica, também, paradoxalmente, tem efeitos negativos, que se reflectem num grau incrível de chauvinismo e introversão. As revistas e as páginas literárias, repletas de biografias de heróis e figuras nacionais, e até de parentes distanciados, dão bem uma ideia de que o mundo anglo-saxão, apesar da sua aparente vastidão e diversidade, é soberbamente introvertido, senão mesmo sobranceiramente egocêntrico.

Esta atitude é parte de um fenómeno de causa-efeito, pelo qual, evidentemente, a publicação de autores nacionais se torna mais lucrativa do que a edição de autores estrangeiros, ainda por cima onerada com encargos de tradução. As traduções técnicas são mais rendosas e, apesar de tudo muito mais simples, do que as traduções literárias. A tarifa corrente, para traduções literárias, cingindo-se apenas a cerca de 5500 escudos por mil palavras, não permite o profissionalismo. E assim, as traduções de autores estrangeiros para inglês tendem a ser fruto de dedicação literária ou académica e isto, obviamente, coloca os autores estrangeiros num dilema: ou são «descobertos» por um admirador que se dê ao trabalho de os traduzir e promover, ou têm de ser protegidos e promovidos pelas instituições culturais dos seus respectivos países.

### Nova iniciativa

Acresce ainda que as convenções internacionais, prevenindo a cessão de direitos a partir do cinquentário da morte dos autores, favorece os clássicos e os defuntos, em prejuízo dos autores vivos, com despesas normais, avolumadas pela inflação. Em perspectiva histórica, no que se refere a traduções, a projecção literária portuguesa pode dividir-se em dois planos: o sistemático e o casual ou curiosos, no primeiro plano, situam-se cerca de dez traduções de *Os Lusíadas*, a última das quais em prosa numa edição de «clássicos populares» da Penguin, consagrando a universalidade de Camões através de séculos, a tradução da maior parte da obra de Eça de Queirós, significativamente a partir da data do cinquentário da sua morte, e, finalmente, da maior parte dos poemas de Fernando Pessoa dispersos em várias edições. No segundo plano, poder-se-iam inserir as traduções, também dispersas e casuais,

que, através dos tempos, se têm publicado na Grã-Bretanha ou nos Estados Unidos, no conjunto total o património de traduções é mais compreensivo do que se poderia supor. Simplesmente, as traduções existentes numa vasta gama de autores, que inclui Gil Vicente, Alexandre Herculano, Oliveira Martins, Antero de Quental, Ferreira de Castro, Fernando Namora, Aquilino Ribeiro, e inúmeros outros, encontram-se ou nas bibliotecas nacionais, que obrigatoriamente recebem exemplares de todos os livros editados, ou, por acaso, em bibliotecas ou livrarias de raridades e curiosidades. Um dos últimos romances publicados foi *South of Nowhere*, título idiomáticamente mais discreto mas igualmente significativo, do *Cu de Judas*, de Lobo Antunes.

O lançamento da edição inglesa da *Balada da Praia dos Cães* é a primeira tradução para inglês dum livro de Cardoso Pires, cujos romances anteriores — o *Hóspede de Job* e o *Delfim* —, aliás, já foram traduzidos em oito línguas europeias, trata-se, porém, do início duma nova iniciativa de promoção sistemática de valores literários portugueses, que envolve a colaboração da empresa J. M. Dent and Sons, uma prestigiosa editora de Londres, que já tem no prelo a tradução do *Físico Prodigioso*, de Jorge de Sena, pela mesma tradutora, Mary Fitton. Segue-se a reedição de *Os Maias*, em tradução de Patrícia MacGowan Pinheiro e Ann Stevens, anteriormente publicada pela Boddley Head, a editora a que se deve a projecção da obra de Eça de Queirós no mundo da língua inglesa. A nova iniciativa, que se deve, também em grande parte à dedicação do conselheiro cultural da Embaixada em Londres, o escritor Eugénio Lisboa, actualiza e sistematiza os modernos critérios de revelação e oferta dos valores artísticos e literários para o público internacional. Londres é ainda uma das principais bases de acesso e projecção ao mundo de língua inglesa. E a iniciativa merece apoio oficial, pois constitui uma forma de combater a obscuridade de investir na afirmação de que Portugal não é apenas um país «histórico», mas uma nação viva e actuante, e o investimento, para mais, pode colher dividendos culturais e financeiros que darão mais substância prática à moderna actividade literária — onde a ficção dos enredos editoriais não começa e acaba apenas na literatura.